

Sem problemas para se adaptar à cidade

Arquivo pessoal

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Foi com o dinheiro que sobrou das viagens de comemoração da formatura — na Faculdade de Direito de Santa Catarina, em outubro de 1959 — que o jovem advogado Arturo Buzzi aproveitou para dar uma esticadinha até o Planalto Central para conhecer a futura sede do governo brasileiro. A viagem a Brasília mudou para sempre a sua vida.

A presença aqui da namorada de Florianópolis, Maria Aparecida — ela veio para morar com o pai, um mês antes de o namorado chegar —, foi um incentivo a mais para que Buzzi ficasse de vez na nova capital. Foi na casa do futuro sogro, na Fundação da Casa Popular, ao lado de Maria Aparecida, que o jovem encontrou abrigo até se casar.

Como a advocacia no Distrito Federal ainda era incipiente, o catarinense de Rio do Sul foi buscar, numa mina de amianto no interior de Goiás, de propriedade do sogro, a chance de melhoria de vida. De lá seria retirada a matéria-prima para a fibra de amianto, que seria usada na fabricação de telhas em Brasília. Os pioneiros não tiveram sorte. Dias depois, a mina foi invadida pelos moradores, que acreditavam no alto valor comercial do amianto. A solução foi desistir do negócio e procurar outra forma de ganhar a vida.

A experiência adquirida ante-

riormente nos escritórios de advocacia de Santa Catarina como *solicitador* — nas mesmas funções que hoje são praticadas pelos estagiários — o levou a se inscrever na Ordem dos Advogados.

A carteira nº 5 dava conta dos poucos profissionais que aqui havia até então: Antônio Carlos Osório (o primeiro advogado de Brasília), Inezil Penna Marinho, José França e Leopoldina Eugênia.

O primeiro escritório

Foi em seu primeiro escritório, localizado na 2ª Avenida, na Cidade Livre, ao lado do colega Odilo Arlindo Philippi, que ele começou a advogar na nova capital, após de-

NO FINAL DE 1960,
ARTURO CASOU COM A
CATARINENSE MARIA
APARECIDA



sistir dos inúmeros “processos que se amontoavam” em Planaltina de Goiás — atual cidade-satélite de Brasília e onde funcionava a Justiça local naquela época. “Como no início da construção havia muitas transações comerciais, contratações etc., os problemas também iam crescendo. Era falta de pagamento, não cumprimento de contrato, ações de despejo e um grande número de divórcios por causa da transferência da capital”, explica o membro do Instituto dos Advogados de Brasília.

Com tantos processos judiciais, a chegada de novos profissionais de Direito era sempre bem-vinda. O escritório, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), aos poucos ia recebendo mais advogados: Rubichê Pena e Áuria de Campos Tacelliker, que contribuíram para o desenrolar dos processos na capital.

As várias décadas de trabalho lhe propiciaram alguns fatos pitorescos, dentre eles, um que até hoje recorda nos mínimos detalhes. Uma senhora com um forte sotaque italiano e arrastando um alemão entrou em seu escritório portando um documento e dizendo que tinha comprado o Bar Itália, o mais famoso do Núcleo Bandeirante na época. “Foi uma negociação malfeita, porque um dos irmãos proprietários queria voltar para a Itália, e outro, não. Apesar disso, a venda foi efetivada”, lembra o advogado Buzzi, que teve que ir até o bar para solucionar o problema.

Depois de formado em Direito e de fazer estágios em escritórios de advocacia em Santa Catarina, Arturo se aventurou pelo Cerrado, atrás da namorada que havia vindo para cá com o pai

O PIONEIRO CASOU NA CIDADE E AQUI VIVE COM A FAMÍLIA ATÉ HOJE

Encerrado o caso, dias depois aparece uma nova confusão com a suposta italiana. Aparece no escritório o alemão que a acompanhara da primeira vez, reclamando os direitos de propriedade de parte do bar. Sua companheira, proprietária do bar, Maria Ingar Marcos — que mais tarde seria a dona do Fêmina Modas, na 107 Sul —, havia se separado dele sem dividir nada. Ele tinha sido abandonado e possuía a cópia de um cheque, que tinha dado para ela, da metade do valor da compra. “Sem a companheira e sem o dinheiro, o alemão ficou a ver navios e foi até o escritório procurar seus direitos”, conta.

Uma curiosidade de que Arturo se lembra bem é que o cheque que pagou a aquisição do bar havia sido preenchido por Maria em italiano (idioma que aprendeu quando era casada com um nobre da Itália).

As dificuldades do início da construção de Brasília eram contornadas com a criatividade dos pioneiros, que não mediam esforços para resolvê-las. Um trailler, de aproximadamente três metros de comprimento, improvisado ao lado do Ministério do Tribunal de Recursos, no bloco 6 da Esplanada dos Ministérios, foi o local encontrado para dar andamento aos processos judiciais da época. Quando Buzzi não se encontrava no escritório, atendia dentro do pequeno trailer os “clientes e advogados vindos de outros estados e com causas junto aos Tribunais Superiores”.

O crescimento do comércio no Plano Piloto incentivou a mudança do escritório da Cidade Livre para o Edifício JK, no Setor Comercial Sul, onde o advogado



trabalhou por um bom tempo ainda ao lado de Inezil Penna.

Com a transferência da capital, o primeiro advogado do Banco Regional de Brasília (BRB) — e um de seus fundadores —, que até então morava com o sogro na quadra 32 da Fundação da Casa Popular, foi morar numa casa emprestada por um amigo na quadra 20 da W3 Sul. Depois disso ainda se mudou para as residências na 410, 107 e 108 Sul, “todas emprestadas”, garante ele. O pioneiro só conseguiu uma moradia definitiva quando foi nomeado conselheiro de Administração da Novacap, quatro anos depois de sua chegada a Brasília.

Lá, o novo morador da 315 Sul pôde então oferecer segurança e conforto à família.

O casamento com a catarinense Maria Aparecida Buzzi, no mesmo ano da inauguração de Brasília — em dezembro de 1960 —, demonstra a confiança no ideal de transferência da capital e a boa adaptação dos noivos às terras inóspitas do cerrado. Mesmo sob a desconfiança do padre Demétrio, que suspeitava do estado civil do noivo, que não tinha entregue a tempo a papelada, o casamento foi realizado com todo o requinte e os dotes artísticos de Maria Aparecida, que foi buscar nas flores do cerrado a decoração para a

igreja. Para festejar a união, o casal não teve outra escolha senão receber os cumprimentos na única boate da cidade, a Macumba, que funcionava na W3 Sul.

União e solidariedade

Segundo o pioneiro, naquele tempo havia um espírito muito forte de união, seriedade, aventura — no bom sentido da palavra — e solidariedade entre as pessoas, características comuns de uma típica cidade do interior. “Quando as pessoas saem do campo e vão para as grandes cidades elas perdem a identidade. E aqui não, todos naquela época se conheciam, os amigos sempre se reuniam e era mais fácil fazer amizades”, explica o pioneiro.

“Juscelino Kubitschek foi muito feliz ao idealizar a capital no centro do país, que representa hoje um pólo de integração nacional e um marco na História do Brasil, não só na arquitetura, mas principalmente pela miscigenação ocorrida aqui e que foi muito benéfica para a sociedade”, ressalta Buzzi.

Aos 71 anos de idade, o advogado, que trabalhou mais de dez anos na Siderurgia Brasileira S.A. (Siderbras), ainda exerce a carreira jurídica no escritório-residência na sua chácara, no Lago Sul, ao lado de uma das filhas que resolveu seguir a carreira do pai.

Além de advogar, Arturo Buzzi se preocupa com seu lado espiritual. Ele dedica boa parte de seu tempo às atividades eclesiais. A missa para o pioneiro é sagrada, todos os dias faz questão de ir à Paróquia das Marcelinas fazer suas orações. Lá, ele é ministro da Sagrada Comunhão e dá aulas de catequese.

“NO INÍCIO DA CONSTRUÇÃO HAVIA MUITAS TRANSAÇÕES COMERCIAIS E OS PROBLEMAS IAM CRESCENDO. ERA FALTA DE PAGAMENTO, NÃO CUMPRIMENTO DE CONTRATO, AÇÕES DE DESPEJO E UM GRANDE NÚMERO DE DIVÓRCIOS”

Raio X

Nome: Arturo Buzzi
Idade: 71 anos
Origem: Rio do Sul, Santa Catarina
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Advogado
Esposa: Maria Aparecida Buzzi
Filhos: Arturo, Marcelo, Cláudia, Leonardo, Alexandre, Maria e Cleusa
Netos: Gabriella, Rafaella, Bruna, Giovanna e Enzo